

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
CURSO DE BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

PEDRA PRETA

**SEDE.ALIMENTO.**

BRASZILtrans

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Elaine Athayde Alves Tedesco

PORTO ALEGRE

2019

PEDRA PRETA

### CIP - Catalogação na Publicação

Barcellos Dresch, Luan  
SEDE.ALIMENTO.BRASZILtrans / Luan Barcellos Dresch.  
-- 2019.  
62 f.  
Orientadora: Elaine Athaydes Tedesco.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,  
2019.

1. Travesti. 2. Trans. 3. Corpo. 4. Manifesto. 5.  
Performance. I. Athaydes Tedesco, Elaine, orient. II.  
Titulo.

**SEDE.ALIMENTO.**

BRASZILtrans

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Artes Visuais - Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Bacharelado em Artes Visuais

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Elaine Athayde Alves Tedesco

PORTO ALEGRE

2019

*I Love u girlies s2*

DA TRAVA PELA TRAVA PARA  
TRAVA TRA TRA TRA TRA TRA  
À todas as travas, traveconas,  
travecas, travesisters, à todas  
aquelas, à todas elas, as que  
travequeiam a cada dia mais, e que  
irão continuar a travecar  
À todas elas  
À todas aquelas que tem a  
potência de serem travas no Brasil  
em 2020!  
Que muitas mais possam  
travecar!!  
À todas as little tra's pelo mundo!  
À todas as mulheres que fizeram  
parte desse processo!  
À minha mãe Janete um dos  
principais símbolos de feminino  
em minha vida  
À minha irmã Dandara,  
À Denise  
Às minhas orientadoras:  
À Bruna Fetter que teve um bebê!  
Tudo pra mim! E à seu grupo de  
pesquisa sobre "práticas artísticas  
emergentes" pelos textos e  
reflexões fundamentais para este  
projeto!  
À Elaine Tedesco por acolher  
minha impermanência e incentivar  
minha entrega!  
À todxs xs identidades dissidentes  
que corroboraram de alguma  
forma para que isso seja o que é.  
Agradeço imensamente a todxs  
Catalizam-me todos os dias para  
ser o que sou  
Pulsam, fazem-me pulsar  
À meu pai que me acolhe apesar  
de nem sempre compreender meus  
pesares  
ÀS TRANS  
TRAVECAI-VOS  
PODER TRAVA  
TRA TRA TRA

*Kisses*

*PEDRA*

## RESUMO

Um manifesto construído a partir de vivência singulares de um corpo negro travesti artista em solo *BRASZIL*. Vivencio e pesquiso as potências desses corpos. *Expelido em trans* e tríptico, este projeto divide-se em produção escrita acadêmica, elaboração de uma revista e apresentação de uma performance. A revista é o manifesto impresso, o canal de disseminação da palavra da *trava*, constituída de uma escrita poética ocasionalmente acadêmica. Juntamente com o design propõe novos olhares, novos ângulos, novas formas de percepção sobre nós, todxs nós. Aqui é um espaço de *trava*. Academicamente foram elaboradas reflexões que transbordavam os outros processos - que lá não cabiam - formando a Introdução e Considerações Finais. A performance é a presentidade travesti expressando suas subjetividades através da presença, sensações que habitam aquele corpo são expostas em carne e vida aos espectadores. Em Brasil.

**Palavras-chave:** travesti, trans, corpo, Brasil, manifesto, performance, palavra

## SUMÁRIO

<b>ÍNDICE DE FIGURAS.....</b>	<b>06</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. SEDE.ALIMENTO. BRASZILtrans.....</b>	<b>11</b>
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>4. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>59</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 01 Triskle no interior do monumento de Brú na Bóinne (Newgrange, Irlanda). .....	04
Fig. 02 Stills de vídeos da performance “CRESCIMENTO III” postados no Instagram, 2019.....	05
Fig. 03 GOOGLE imagens: Assassinatos de travestis.....	23
Fig. 04 Peter Paul Rubens As Três Graças - 1639 Óleo sobre tela 221cmX181cm cm Museu do Prado, Madri.....	40
Fig. 05 Signos que representam identidades de gênero, fonte: MARQUEZ, Annunaki. All the Gender Symbols.....	53-54

## 1.Introdução

A presente manifestação tem por obsessão a expansão da vivência em “trava” para o campo da palavra. Atuando enquanto veículo de disseminação travesti. Ampliando o campo de percepção sobre *a corpa trava*, não se equivalendo a vivência, mas propondo uma aproximação atenta, consciente e presente.

[...] desde a Revolução Francesa, a arte tem sido entendida como o cadáver desfuncionalizado e exibido publicamente da realidade passada. Este entendimento da arte tem determinado as estratégias da arte pós-revolucionária até agora. No contexto da arte, estetizar as coisas do presente significa revelar seu caráter desfuncional, absurdo, impraticável – tudo o que as torna inutilizáveis, ineficientes, obsoletas. Estetizar o presente significa transformá-lo no passado morto. Em outras palavras, a estetização artística é o oposto da estetização realizada pelo design. O objetivo do design é esteticamente melhorar o *status quo* – para torná-lo mais atraente. A arte também aceita o status quo, mas o aceita como um cadáver, seguindo sua transformação em uma mera representação. Neste sentido, a arte vê a contemporaneidade não apenas da perspectiva revolucionária, mas também da perspectiva pós-revolucionária.(GROYS, Boris, p. 208, 2017)

Projeto este trabalho enquanto artístico e na mesma proporção design. Estetizo um presente em trans *Braszil* na intenção de exaltar sua urgência e também obsolescência de um *machocentrismo peniano* transformando-o em “passado morto”. Juntamente com a potencialização do seu caráter disseminador aperfeiçoando a identidade visual a partir do *design*. Afinal além de emitir em texto experiências vividas em carne tenciono a propagação de palavras impressas de forma *unusual* aos olhos de nós leitorxs. Tornando assim essa revista potente não somente quanto à seu conteúdo textual, mas também quanto à sua forma provocando o deslocamento do observador para um “espaço de trava”.

A *TAZ* (Zona Autônoma Temporária) é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la.(BEY, Hakim, 2018)

Essa revista assume o papel de *TAZ* ao passo que gera uma área imaginária onde adentra-se ao *espaço de trava*, esse lugar é transitório. Sendo o objeto passagem, ambiente e também catalizador na produção de novos sentidos. Este novo *habitat* contesta e rejeita a permanência de um torpor coletivo e a manutenção do *phallus quo* masculino biológico



peniano. Posicionando a travesti no núcleo desta experiência. Descentralizando o pênis, potencializando vivências dissidentes. Intensificando a produção de diferenças, tornando o outro tão importante quanto o eu na construção de uma pluralidade consciente. Trago, portanto a possibilidade de embrenhar-nos de formas subjetivas, objetivas, *transperceptivas*<sup>1</sup> neste *espaço em trans* no qual a palavra será linguagem.

Se a modernidade projeta um presente em permanente transição, o contemporâneo fixa ou abarca essas transitoriedades dentro da duração de uma conjectura, ou, mais amplamente, o invólucro de uma vida. Essa presentidade encontra sua forma representacional na aniquilação da temporalidade pela imagem.(OSBORNE, Peter, p.43/44, 2016)

Tendo a imagem dentro desta lógica de contemporaneidade a pujança de destituir a autoridade do tempo, torna-se o presente transitório imagético a lei temporal do contemporâneo. Reivindico então não somente a “aniquilação da temporalidade pela imagem”, mas também a presentidade enquanto corpo travesti artista. Oferto assim, minha própria presença em estado subjetivo performático como parte deste projeto na intenção de transbordar estados latentes de uma vivência transgênera. Dividida em três partes a performance “CRESCIMENTO III” realizada no dia 26 de dezembro de 2019 - na Casa Baka em Porto Alegre - faz alusão ao meu próprio renascimento em “trava”, uma gênese<sup>2</sup> travesti.

Organizada em tríptico refiro-me à três estados temporais do corpo *femme*<sup>3</sup>: a garota, a mulher, a anciã. Tal sistemática foi inspirada na teoria pagã *wicca* da Deusa Tríplice ou Hécate, seria uma deusa de três faces como a lua:

Na lua nova/crescente, A Deusa é a Donzela (representando a pureza e a busca pelo conhecimento). Na lua cheia, Ela é a Mãe (representando poder, proteção e carinho maternal). Na lua minguante, Ela é a Anciã (representando sabedoria, conhecimento e renovação).(HUTTON, Ronald, 2001, p. 355)

Outro símbolo crucial neste processo é o *triskelion*, *triskle*, ou *triskele*, tal signo é fortemente usado por minha mãe (mulher negra LGBTQI+ brasileira, mestre em Educação

---

<sup>1</sup> Trans (latim trans, além de) prefixo. Elemento que significa além de, para além de, em troca de, ao través, através.(TRANS..., 1998)

<sup>2</sup> Gênese (grego génesis, -eos, origem, fonte, início, produção, geração, criação) substantivo feminino. 1: A geração; sucessão dos seres; 2: Origem; 3: Sistema cosmogônico; 4: Conjunto dos fatos ou elementos que concorrem para a formação de alguma coisa.(GÊNESE..., 1998)

<sup>3</sup> *Femme* (subs. Feminino, latim femina). Ser humano do sexo feminino. (FEMME..., 2008)

pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul) focalizadora de danças circulares e mentora em treinamento de danças da paz universal.

Faz parte de meu repertório imagético/cultural, evocando assim como a Deusa Triplice uma ancestralidade femeal, viabilizando o centramento de uma realidade a partir do feminino:

O símbolo mais associado à Religião da Deusa, porém, é o não menos conhecido *Triskle* ou triskele, ou ainda Triskelion. Trata-se de uma espécie de estrela de três pontas, geralmente curvadas, o que confere ao símbolo uma graciosa fluidez de movimento. Pode ainda ser definida como um conjunto de três espirais concêntricas. É o elemento mais presente na arte celta, e também tem sua origem atribuída aos povos mesolíticos e neolíticos. Mais uma vez, vamos recorrer ao conhecimento do Sr. J.A. McCulloch para ilustrar nosso texto. Diz ele:

‘os celtas consideravam o três como sendo um número sagrado. A primitiva divisão do ano em três estações - primavera, verão, outono e inverno - pode ter tido seu efeito na triplicação de uma deusa da fertilidade com a qual o curso das estações era associado.’

Ou seja, o *triskle*, com suas três pontas, está associado ao fluxo das estações, simplesmente a base da religião da Deusa Terra, e por consequência representa a própria Deusa. Ademais, temos uma conexão óbvia com as três faces da Deusa (Donzela, Mãe e Anciã), bem como às três faces da lua (crescente, cheia e minguante), ou ainda com nossa própria natureza tríplice (corpo, mente e alma). Assim sendo, fica clara a importância do *triskle* para a Religião da Deusa. Sua presença em achados arqueológicos em terras celtas, da Irlanda à Europa Oriental, atesta sua ampla adoção pelos antigos cultuadores da Deusa.

A importância do número três é novamente atestada no parágrafo abaixo, de Proinsias MacCana (*The Celts - The Insular Celts*):

‘A iconografia continental (...) atribui grande ênfase ao simbolismo da tríade, o conceito da triplicidade, e o conteúdo mítico-literário ausente no continente é amplamente fornecido pela infindável variação desse tema na literatura irlandesa e galesa.’

Outro autor, o escocês Tadhg MacCrossan, membro da tradicional O.B.O.D. (Ordem dos Bardos, Ovados e Druidas, sediada na Grã-Bretanha) e autor de bons livros sobre paganismo celta, afirma em um deles (*The Sacred Cauldron*):

‘O triskele ou tryfot é um antigo símbolo indo-europeu. Também era utilizado por povos germânicos e gregos.’

Historicamente falando os indo-europeus são o povo que posteriormente viria a originar os celtas. Assim sendo, atribuir a origem do *triskle* aos indo-europeus é mais uma vez atestar sua ligação definitiva com a Religião da Deusa. Na Irlanda, país onde abundam sítios arqueológicos celtas, temos um sem-número de objetos decorados com *triskles*.

A tradição da simbologia do número três sobreviveu até nossos dias na forma do símbolo nacional da Irlanda: um trevo conhecido como *shamrock* (versão anglicizada da palavra gaélica *shamróg*). Segundo a lenda vigente, São Patrício, o sacerdote galês responsável pela introdução do cristianismo na Irlanda, explicou o conceito da Santíssima Trindade a seus discípulos ao utilizar um trevo (*shamrock*) apanhado do chão. Ora, tendo em vista que a igreja cristã usurpou, adotou ou

adaptou um sem-número de conceitos e práticas pagãs, não é de se surpreender que o *shamrock*, antes dessa versão oficial atribuída a São Patrício, fosse um símbolo da Deusa. A autora Edain McCoy parece corroborar em seu livro *Witta: An Irish Pagan Tradition*, quando afirma:

‘O *shamrock* já era uma planta sagrada para os irlandeses por sua associação com a Deusa Tríplice.’.(QUINTIN, 2000, p. 62-65)



Fig. 1: *Triskle* no interior do monumento de *Brú na Bóinne* (*Newgrange, Irlanda*). Fonte: Irish America, 2015.

Durante a performance banho-me em três líquidos distintos que representam as faces da deusa.

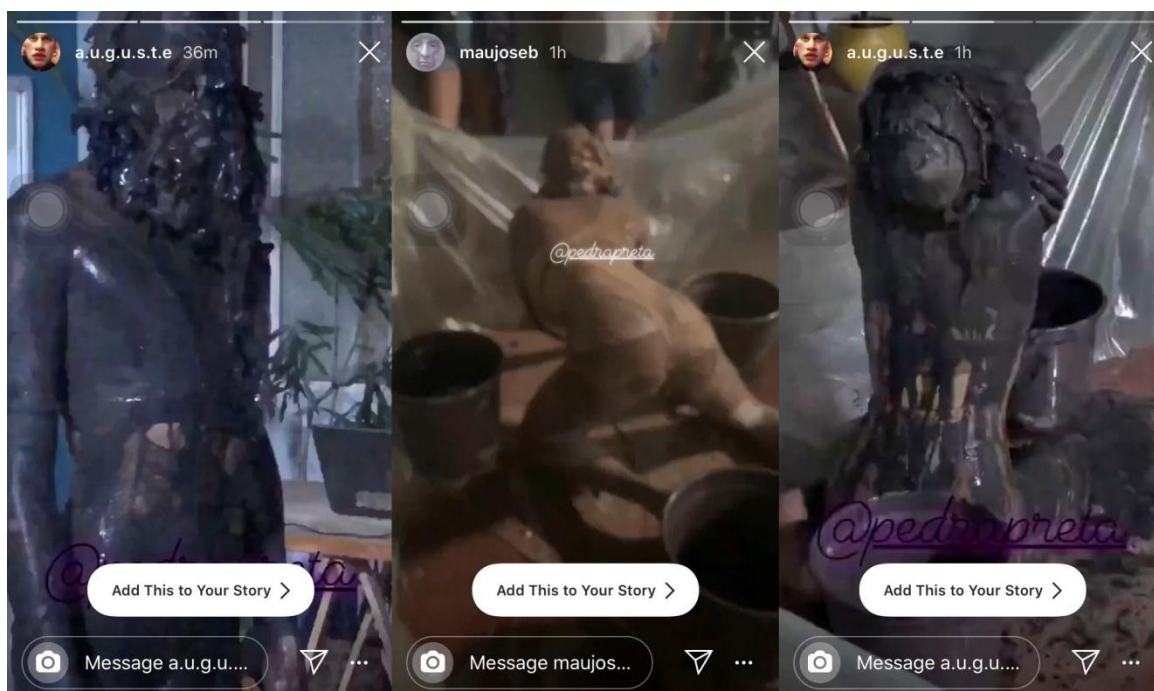


Fig. 2: Stills de vídeos da performance “CRESCIMENTO III” postados no *Instagram*, 2019.

O primeiro é viscoso e escarlate distingue-se por sua conexão com a “Donzela”, o nascimento, a menarca, o sangue que nos conduz a vida. Aqui ele exprime nosso primeiro suspiro, a dor das contrações maternas, a dor do primeiro fluxo menstrual, a geração de vida, o início visceral, o rompimento, a luta pela existência. Como proposto por Ana Lúcia Silva Souza (2011) a partir de uma visão de linguagem decolonial, a *reexistência* travesti, este ponto marca meu renascimento em trans onde nasço dentro de minha própria *corpa*.

O segundo composto por múltiplas argilas constitui o corpo, a carne, a mulher, a mãe, aquela capaz de moldar seu próprio ser. A *corpa barro* está pronta para resistir a partir de sua alta plasticidade às interpéries de uma sociedade *machocêntrica peniana*, a argila mesmo quando seca, rígida, frágil, pode retornar a água e tornar-se maleável novamente. Reitero aqui o poder da mulher sobre sua própria existência, sua capacidade de modelar realidades e sua potência reestruturadora.

O terceiro fluído é preto como carvão. Traz consigo os aprendizados de toda uma vida, configura um estado de permanência onde este corpo barro será queimado para assim como a cerâmica (estado pós queima da argila) transpor-se a condições pertinentes ao orgânico. Permanecendo assim, para sempre. A anciã configura a consciência dos tempos vividos, rememorando o passado à uma sociedade do agora, expondo as lembranças que constituem o que somos, para assim seguirmos conscientes do que nos forma. Uma consciência temporal suspensa em permanência.

A ação ocorre dentro de uma base plástica, o invólucro da vida, reelaboro minha própria placenta, a cápsula nutritiva que irá possibilitar meu renascimento. Ela acaba no momento em que retiro-me dessa estrutura indo de encontro ao externo.

Convido-xs a sensibilizar sua percepção para a recepção de palavras originárias de pulsões trans, o seguinte objeto não tem comprometimento com o agrado macho, pelo contrário. Adentra-se agora ao *espaço de trava*, área transitória, temporária, imaginária, revolucionária, *transdependente*, cooperativa, urgente, *braszileira*. Que as experiências desloquem, realoquem, transloquem, “presentidade é graça”.

## **2. SEDE.ALIMENTO. BRASZILtrans**





Instauro aqui um espaço de trava onde toda e qualquer travestilidade é bem vinda

# TRANSPACE IS THE PLACE

cor p as trans i torias  
essen cia tran s ferem apa ren cia  
aquelas que nao se fixam  
sobrevoadam  
acima das cabeças pregressas  
geram  
corpas geradoras  
creadoras  
aquelas que creem  
possibilitam aos observadores  
transcrer  
acessar a possibilidade  
estar  
na imensidão de seres, saberes,  
dizeres, desejares, mostrares,  
ocultares  
somos profusão  
bolhas muitas, viscosas,  
transparentes, borbulhantes,  
borboletas, mariposas, libélulas  
bellas células de desejo  
moléculas transvirais  
de translúcidas e finas  
peles  
nossa carapaça transmuta  
a olho nu  
nutre a si mesma  
alimenta  
alimento  
somente no s t r a n s  
podemos  
produzindo  
salivando  
jorrando  
sucedentas  
nosso excremento  
transmuta-se em nossas proles  
que são engolidas  
pelos prolectos  
onde em suas entranhas  
transentram em imago  
alimenta-se

até rasgarem nossas antigas  
aqui somos toda  
des apego pegajoso  
transseres capazes  
em estado latente de tormenta  
tempestade  
nossas corpas quebram, proliferam  
muitos olhos que nada vêem  
muitas bocas que nada comem  
orgãos excedentes afuncionais  
transfuncionantes  
não existe excesso  
exceção  
toda é matéria  
transita  
parasita  
inseto  
instaura estado coletivo de  
incoletividade coletiva  
uma para toda para uma novamente  
uma ova em estado solene  
somos capazes de infinidade sobre  
finitude  
jubila-se regojiza-se vomita-se  
tal a ledice  
sobre a exubera transmutação  
das transseres  
aqui soua tempo, soua lugar  
soamos e suamos  
soamos infestação  
infeciosas transpiração  
inflamações de flama  
infiltração  
nossa suar  
transágua transmijo transede  
tuttrans tornam-se  
transportam-se  
transcendem  
transbordam-se  
transacionam  
transcrevem

# TRANSPACE IS THE PLACE



“Por ocasião do dia internacional da memória trans, no dia 20 de novembro de 2019, equipe do TvT – Transrespect versus Transphobia Worldwide publicou os resultados do Observatório de pessoas trans assassinadas.

Atualização de 2019 revelou o total de 331 casos entre 1 de outubro de 2018 e 30 de setembro de 2019.

Onde o Brasil segue como o país que mais assassinou pessoas trans do mundo neste período, com 132 mortes seguido do México (65), e Estados Unidos (31), somando um total de 3314 homicídios reportados de pessoas trans em 74 países em todo mundo, entre 1 de janeiro de setembro de 2019.”

(BENEVIDES, Bruna. FALAR DA MORTE PARA GERAR VIDA. ANTRA. 2019)

“uma arte de idéias, mais do que de produtos, arte não comprável ou vendável – estava em seu apogeu e a performance teria sido uma das formas de demonstração destas idéias”

(GOLDBERG, 1996, p.7)

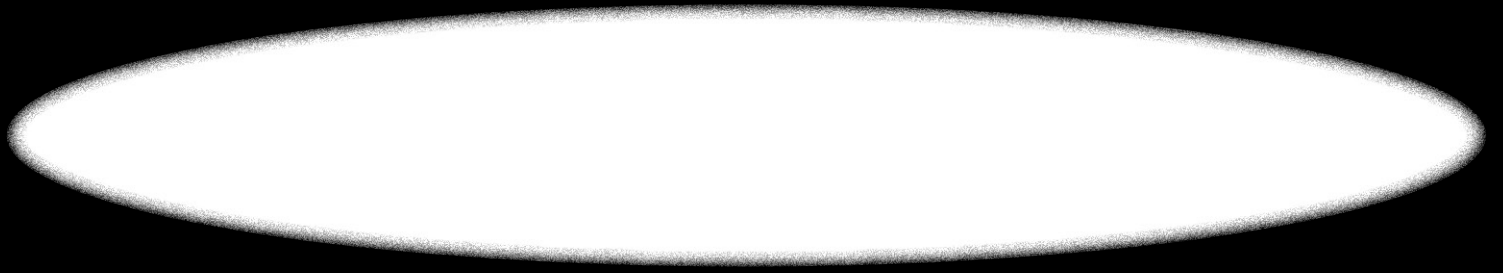
## TRANSGUERRA

“Não há lutas unidimensionais porque não há vidas unidimensionais”, diz Jota Mombaça, citando a afro-americana Audre Lorde (1934-1992)

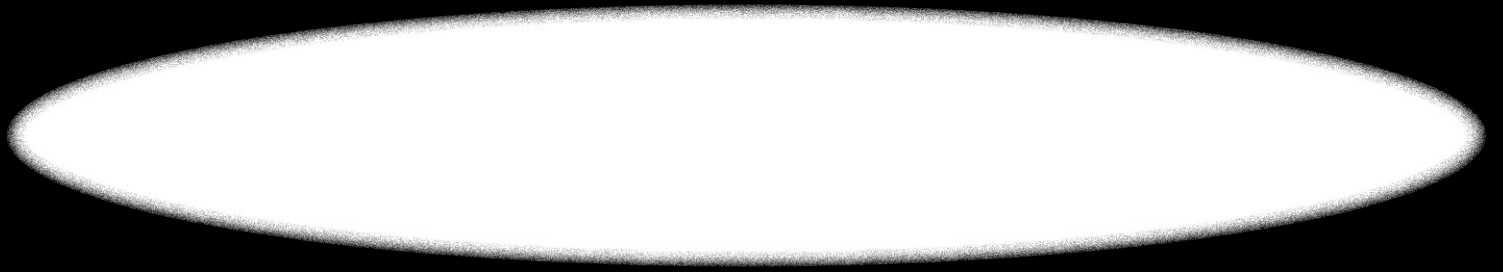
“Pode um cu mestiço falar?” é um título de um texto seu em que se apropriava o título de um ensaio da filósofa indiana Gayatri Spivak, “Podem os subalternos falar?”

(MORAIS, Pedro. 2018)

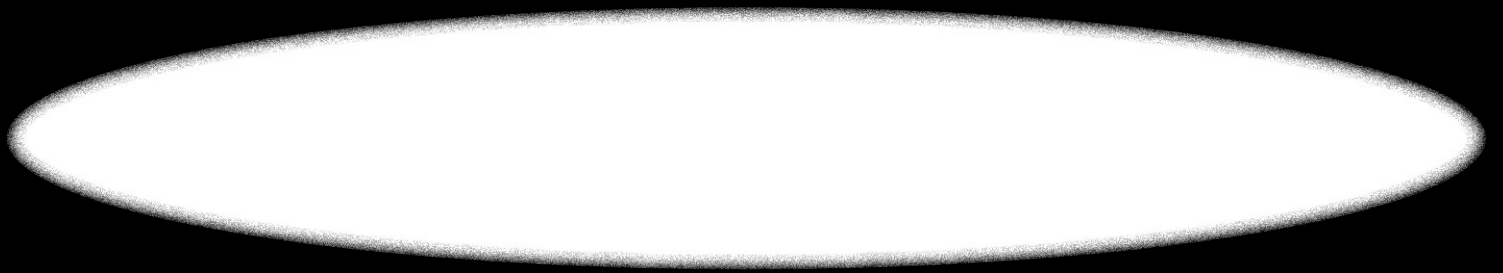
**ASSISTA**



**AD**



**IMPERIO**



**GENERO**

# FACEBOOK TEM 52 OPÇÕES DE GÊNERO

mulher cis

cis feminino

cis

homemcis

cis masculino

cisgênero

mulher cisgênero

homem cisgênero

cisgênero feminino

cisgênero masculino

trans feminino

trans masculino

homem trans

mulher trans

pessoa trans

transexual

mulher transexual

homem transexual

pessoa transexual

transexual feminino

transexual masculino

transgênero feminino

pessoa transgênero

homem para mulher

mulher para homem

HPM

MPH

outro nenhum

neutro

agênero

não binário

inconformismo de gênero

variação de gênero

genderqueer

pangênero

questionamento de gênero

bigênero

intersexo

andrógino

gênero fluido

dois espíritos

MATE O GÊNERO DENTRO DE VOCÊ

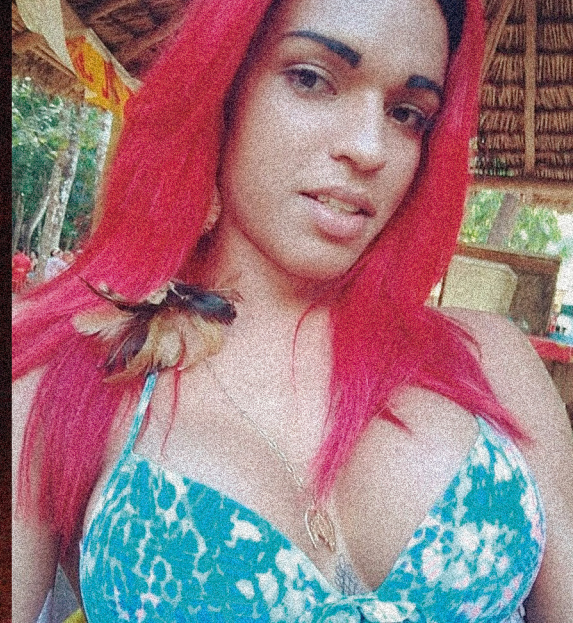


MATE O GÊNERO QUE ESTÁ DENTRO DE VOCE

tr an s i t ó r i a  
t r a v e s t i  
tra v e s t i r - s e  
tr a n s v e s t i r - s e  
em bras zil  
ser br a sz il  
br a sz ile i r a  
t r a v e s t i b r a s z i l  
trav e s t i b r a s z i l e i r a  
s e r e m l i m i t e  
a n d a r d e s a l t o a g u l h a  
p o r u m a f i n a l i n h a  
t ê n u e  
t ê n u e f r o n t e i r a  
e n t r e s e r e d e i x a r d e s e r  
e s t a r e n ã o s t a r  
f e m m e m m m a s c u l i n e  
t r a n s f e m m e  
c o r p o e m e s t r a n h e z a  
c o r p o e s t r a n h o  
s a n g u e a b u n d a n t e  
c a p a z d e m u l t i p l i c a r  
n o s s o s a n g u e t e m p o d e r e s  
j a m a i s a n t e s v i s t o s  
é s o b r e v e r o q u e n i n g u é m m a i s v ê  
s e n t i r o q u e n ã o s e q u e r s e n t i r  
n o s s s s s o s s s a n g u e a t r a i  
s e r e s d e s e j a n t e s  
t a l f r a g r â n c i a  
a t r a i

você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar  
você não vai me tocar

nãomais nãomais nãomais  
a q u eles q ue po r su c u mbir  
a o de s e j o  
d e p o s s u í r - n o s  
a n s e i a m f a z e r j o r r a r f a r t o  
n o s s s o s a n g u e  
p a r a q u e o u t r o s p o s s a m d e l e s e a l i m e n t a r  
n o s s o s a n g u e t e m p o d e r e s  
p o d e r e s t r a n s m u t a t ó r i o s  
r e t r a n s m i s s o r e s  
n ã o m o r r e r e m o s h o j e n e m a m a n h ã  
p e r m a n e c e r e m o s  
m u i t a s v i r ã o  
s e j a e m f o r m a d e f e r a  
s e j a e m f o r m a d e t r a v a  
n o s s o s a n g u e t e m p o d e r e s  
p o u c o s s ã o a q u e l e s q u e s a b e m  
d o s s e g r e d o s n e l e c o n t i d o s  
p o u c a s s a b e m o q u e é t e r  
s e u s a n g u e d e s e j a d o  
p o u c a s s a b e m





#### NOTA DE RODAPÉ

existências marcadas profundamente por estruturas escravistas, visto que somos todas oriundas do país que foi o principal destino do tráfico de escravos.

“O Brasil era o último país da América a acabar com a escravidão. Ao longo de mais de três séculos, foi o maior destino

de tráfico de africanos no mundo, quase cinco milhões de pessoas. Grande parte dos descendentes daqueles que chegaram também fora escravizada.”

(GRAGNANI e ROSSI. BBC BRASIL, 2018)

corpos estes expostos em face  
primária  
a toda sorte de cunho violador  
com intuito de violar  
que viola  
corpas estranhas  
indignáriasS ao estado primeiro  
de estar  
não autorizadas pela mais alta ordem  
à pertencer  
não deve-se portanto aceitar sua  
estadia  
em frente à tamanho público  
conservamos aqui o estado primeiro  
de manutenção

de manter-se tudo em suspenso  
assssssegurando assim a segurança  
que assegurará  
que nossa segurança possa estar  
segura  
conservando assim a família  
na intenção de proteger quem somos  
do que és  
com a propriedade da não  
missigenação  
devemo-nos mantermos distância de  
tais corpos para  
que nossa vital saúde física e mental  
sejam conservadas  
para a não influência que tais corpos  
provocam dentro de  
nossas calças, mantei-vos longe  
para que nossas esposas não  
precisem se preocupar  
com nossa fidelidade impassível  
proveniente de locais de  
promiscuoussidade peço que toquem  
em nada, seus corpos fervilham  
luxúria  
desejo, causam reboliço aos nossos  
pais de família  
chamadas quando necessárias

mas sob hipótese alguma mantidas à  
luz do dia  
seu corpo é apenas um suspiro, como  
um cigarro  
devemos manter a família, a criança,  
o lar  
longe de qualquer influência de tais  
criaturas

“Fevereiro de 2017. Era dia e pessoas passavam enquanto pelo menos três homens espancavam Dandara dos Santos, 42 anos. A violência vivida ao longo de toda uma vida chegou, em uma rua do bairro Bom Jardim, na periferia de Fortaleza, ao máximo. As cenas foram registradas em vídeo pelos próprios algozes. As imagens, que ganharam as redes sociais um mês depois do fato, foram interrompidas antes do ato final da sessão de tortura: os tiros disparados contra Dandara.”

(FRAGA, Fernanda. Jusbrasil, 2017)

2017: a cada 48 horas, uma pessoa trans é assassinada no Brasil. Em 94% dos casos, os assassinatos foram contra pessoas do gênero feminino.

(MARTINS, Helena. EBC, 2018)

“Dados da União Nacional LGBT apontam que o tempo médio de vida de uma pessoa trans no Brasil é de apenas 35 anos, enquanto a expectativa de vida da população em geral é de 75,5 anos, de acordo com informações divulgadas em dezembro de 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).”

(CUNHA, Thaís. Correio Brasiliense, 2017)<sup>6</sup>

1) Estou eu pronta  
para morrer?

26

+ 8

---

35.



tem em si o deleite  
certos corpos tem  
em si o deleite  
certos  
em si o deleite  
corpos  
em deleite  
gozar de uma  
vida a plenos  
pulmões  
gozar em plenos  
deleite  
pulmões  
corpos de uma  
vida em plenos  
em si  
gozar a deleite  
certos pulmões  
gozar a vida  
certos deleite  
corpos  
tem em si  
certos corpos  
em deleite  
assegurados cis  
assegurados de sonho

vontades desejos anseios sonhos  
a existência em binário impossibilita a  
mente humana de expandir-se em  
direção  
ao pensamento livre  
tem-se tem em si o deleite  
de gozar de uma vida a plenos  
pulmões  
vontades desejos anseios sonhos  
eu posso sonhar  
eu sonho  
certos corpos  
tem  
em  
si o  
deleite  
de gozar de uma vida a plenos  
pulmões  
asseguradas foram aquelas que  
nasceram cis  
asseguradas de sonho  
de poder sonharrr  
queria eu poder sonhar  
antes preocupamo-nos com vida  
estar viva  
estar vida

# certos

# corpos

ela é feita de vida  
demonstre estar  
vivasuavivacidadeviva.net  
pesos medidas novos pesos novas  
medidas vivas vidas  
novos pesos novas medicadas  
medidas vivas  
normas medidas messam a massa viva  
nossas medidas novos pesaress novas  
vidass  
pressa presente em todas as  
interações  
a máquina do tempo aqui é voraz  
impiedosa impaciente  
trata de dizimar tudo aquilo que não  
respeita seu tempo  
fugasz.  
corpas transpassadas por múltiplas  
identidades  
transpassantes  
oriundas de imposições fálicas  
imersas no gozo masculino da livre  
expressão do falo  
falo centro  
falo e sento  
capacitadas com a capacidade de

tornar-se capaz e inspirar capacidade  
capazes de tudo  
CORPas indignas  
indignadass com a falta  
de dignidade presente  
em um culto social  
que se diz digno  
e indignifica corpos  
estr4nhas  
salve para todas aquelas  
indignadas indignas  
pois só se pode ser digna  
depois de conhecer  
na pele a indignidade  
nossos sangue tem poderes  
dignificat6rios  
não temamos  
sua indignação  
certos corpos  
tem  
em  
si o  
deleite  
de gozar de uma vida a plenos  
pulmões





# TRAVESTI

corpos marcados pela dissonância constante  
perante a um status quo branco e macho  
existências de capital sexual conveniente  
capitalizadas pelo falo  
por falo  
capitalizadas pela dominância  
pela exclusão  
corpos esses que geram múltiplas sensações  
desejadas pelo macho que anseia, mas não revela  
trepas mas não assume  
desejos vis, destituídos de toda e qualquer afeição  
ao corpo  
trans  
transfóbicos, femefóbicos  
medo de tudo aquilo que dissoa  
perda de controle óbvio por falta de consistência de  
discurso  
suas palavras não me enclausuram  
não me confinam

não serei cárcere de macho  
não serei castrada por seu medo  
não acatarei ordens de submissão ao falo  
quem sou antecede meu corpo biológico  
não voltarei para senzala  
não voltarei para os puteiros  
não sou sua  
estruturas que desejam nossa submissão e exclusão  
imposição pela força  
pela guerra  
o macho tem e sempre teve medo do poder da fêmea  
poder de geração de vida  
catalisadoras de vida  
díssonas existências mutantes transfiguradas y transfigu-  
rantes  
capacitadas pelos fármacos a modificar sua biologia  
mudando corpo, pele, cheiro  
inconstantes, volúveis, efêmeras, variantes  
auto construídas  
auto geradoras  
capazes de moldar sua própria existência

palavras com prefixo trans e que  
transmitem movimento

transgressoras

transmissoras

transitar

transação

transnacional

transamericanas

transacionista

transportar

trânsito

transferência

transportem

transcorre

transfusão

transformação

transmitir

transpirar

transviado

transbordem

transcendam

transcursar

transeuntes

transfundir

transgridem

quando  
você se torna  
travesti você deixa  
de ser gente passa a  
pertencer a outra classe  
de ser vivo ouTra espécie  
ouTra família ouTro grupo  
de seres vivos Tudo passa a ser  
diferenTe as pessoas lhe olham  
de forma diferenTe lhe TraTam de  
forma peculiar os homens mudam  
seu olhar que ouTrora repulsa  
agora anseia ou Também ambos  
passamos a perTencer a uma família  
um TanTo diferenTe frequenTamos  
novos espaços passei a frequenTar  
novos espaços espaços que pudessem  
acolher-me inTeira que se preocupasse  
sem se preocupar com o que sou se  
preocupando com quem sou sendo  
por si só família sem impressões  
maquiadas sem exigir que seja que  
mostre a única verdade aqui É onde  
posso chegar com essa corpa, essa  
mente, essa alma? quero fazer o  
melhor que posso com isso e tudo  
que acesso a partir por mim y  
pelas minhas importância da  
auto consciência para não  
cairmo-nos na egotrip de  
que vamos salvar o outro  
SALVE-SE você já  
estará salvando  
uma vida  
trava

com  
consci-  
ência sempre  
presente do que  
sou onde estou qual  
o espaço que eu ocupo  
quais são minhas verda-  
deiras demandas quem  
sou eu? (Linn Da Que-  
brada, 2017) importância do  
todo visão de rapina das ga-  
zelas (Ventura Profana, 2019)  
visão sobre o macro e o micro  
importância da sua vida e de  
suas irmãs do valor de nossa  
(r)existência nossa fala, nos-  
sa corpa, nosso sangue um  
exército de mulheres de pau  
formando-se a olho nu inca-  
pacitantes capazes de des-  
tronar o falo nosso poder  
é vasto e segue capacida-  
de de adequação: visto a  
posição destinada a tra-  
vesti enquanto escó-  
ria sociedade bran-  
ca da casa grande  
treme treme  
treme e

geme  
ao rece-  
ber os dedos,  
a língua úmida  
e viscosa da trava  
o tratamento que so-  
mente a travesti aque-  
la que já nasce portando  
todos os artifícios para  
gerar desejo que um ser  
vivo pode portar serve do  
desejo e quando digo ser-  
va vem de servil qualidade  
imposta aos nossos corpos  
em sociedade brasilis ao nas-  
cermos travas serve é aquela  
que serve mas hoje não ser-  
viremos somente pele gozo  
desejo luxúria serviremos  
tudo aquilo que nos foi ne-  
gado e a casa grande que  
estará gozando em berço  
explêndido nas mãos da  
trava verá ao abrir os  
olhos que tudo foi leva-  
do suas posses suas  
verdades não dei-  
xaremos nada  
em posse do  
falo

quando volto para as lembranças mais  
longínquas  
de minha infância me lembro menina  
sempre menina  
as brincadeiras, menina, mulher, mãe,  
vó, vizinha,  
tia, prima, sereia, princesa, popstar  
menina  
certa vez quando ~jovem adulta  
um amigo pede para que pudesse me  
contar  
um segredo sobre mim que jamais  
antes pudera  
transparecia na voz incerteza sobre a  
minha reação  
certo receio  
vergonha  
medo  
incerteza  
receio  
excitação  
nervosismo  
lembra-me a sensação de quando

vamos pegar algo  
com as mãos que acreditamos estar  
quente, mas não  
temos certeza  
(incerto, inseguro, obscuro)  
em meio à tanto  
ele desaba.  
“quando éramos pequenos  
você sempre queria ser  
a personagem feminina  
sempre quis ser a garota”  
tento levar tranquilamente  
\*\*vergonha\*\*  
tento até mesmo brincar  
atenuar  
afinal somos feitas para  
apaziguar  
amansar  
acalmar  
o falo.  
ao sair de lá desabo, sempre soube,  
lembrava também mas \*\*vergonha\*\*  
lágrimas

transbordo  
mais lágrimas  
era tão errado não querer ser  
menino?  
hoje acolho, abraço essa criança  
dentro de mim  
sei que sou capaz de protegê-la  
a m o a  
a violência não está no fato, mas nos  
sentimentos e sensações ao qual  
minha expressão de gênero  
estava sendo relacionada, não por  
mim, mas pelo outro.  
acolha toda a expressão de gênero  
meu corpo é livre  
abraço aqui todas as crianças trans  
todas aquelas dissidentes de qualquer  
imposição binária  
sua corpa também é livre  
mas aprendemos a esquecer  
não permita que a façam esquecer

estrutura do self, dissolução desses estados  
reconhecimento de outro corpo que não é o seu  
enquanto portador de sua própria identidade,  
desloca-se assim quem se é, projeta-se em live  
sobre seu próprio corpo outro alguém  
que dentro de si  
representa o que és, sendo assim real  
instaurando quebras no que você entende que é  
abrindo e fechando portas  
na intenção de encontrar a projeção mais  
adequada ao que se é  
ao que se quer  
ao que se pode estar sendo  
ao que está sendo  
e ao que foi construído

engolimos  
vomitamos  
engolimos de novo  
a estrutura corpo

# corporeidade

os processos de transição enquanto  
processos de hackiamento de seu  
próprio corpo  
em social  
capacitando o indivíduo a construir  
novas existências

# gênero performance

possibilitando novas  
inserções capazes  
de hackiar estados consolidatórios  
que o falo social impõe  
na tentativa de tornar imóvel  
o transitório  
na intenção de que tais  
corpas não socializem  
mantendo-as em periferia

## es·ta·do

(latim status, -us, posição de pé, postura, posição, estado, situação, condição, forma de governo, regime)  
substantivo masculino

1. Modo .atual de ser (de pessoa ou coisa).
2. Modo geral; conjunto de circunstâncias em que se está e se permanece. = CONDIÇÃO, DISPOSIÇÃO, POSIÇÃO, SITUAÇÃO
3. [Física, Química] Maneira de ser que a matéria apresenta, conforme a coesão das suas moléculas (ex.: estado gasoso, estado sólido).
4. Posição social.
5. Circunstâncias especiais em que se exerce a profissão ou modo de vida habitual.
6. Nação considerada como entidade que tem governo e administração particulares. (Geralmente com inicial maiúscula.)
7. Governo político do povo constituído em nação. (Geralmente com inicial maiúscula.)
8. Cada uma das grandes divisões territoriais, numa república federativa.
9. Representação de cada uma das três classes (nobreza, clero e povo), nas cortes do regime antigo.
10. Domínio, terras.
11. Ostentação.
12. .Séquito.
13. [Por extensão] Suspensão das leis ordinárias de um país, e sua sujeição temporária a regime militar especial.
14. Prevenção armada com receio de revolta.

(ESTADO..., 1998)





Si mesmo (em inglês, self; em alemão, Selbst) é um termo que tem uma longa história na psicologia. William James, um dos pais da psicologia, distingue em 1892 entre o “eu”, como a instância interna conhecedora (I as knower), e o “si mesmo”, como o conhecimento que o indivíduo tem sobre si próprio (self as known). Carnotauros (2014), partindo da definição de James e do trabalho da S. N. Cooley, propõe que o “si mesmo” se baseia em três experiências básicas do ser humano:

1. a consciência reflexiva, que é o conhecimento sobre si próprio e a capacidade de ter consciência de si;
2. a interpessoalidade dos relacionamentos humanos, através dos quais o indivíduo recebe informações sobre si;
3. a capacidade do ser humano de agir.

Esse conhecimento que o “eu” tem sobre “si mesmo” tem dois aspectos distintos: por um lado, um aspecto descritivo chamado autoimagem e por outro, um aspecto valorativo, a autoestima.

(SI MESMO...,2019)

## Argilas primárias e secundárias

A origem geológica das argilas é apenas uma das formas de classificação das argilas, que também podem ser diferenciadas segundo outros critérios (coloração, ponto de fusão, grau de plasticidade etc.). Definimos argilas primárias como sendo aquelas formadas no mesmo local onde ocorre a erosão da rocha de feldspato, também chamada de rocha matriz ou mãe.

As argilas primárias tendem a ser menos comuns e a não permitirem um uso direto, pois carecem normalmente, de uma plasticidade adequada para o uso em técnicas de modelagem.

As argilas secundárias, ao contrário, depois de formadas, foram arrastadas do seu local de origem pela ação erosiva do vento, da água (rios, chuva...), da pressão (geleiras, soterramentos) etc. Por isto, as suas partículas ao serem levadas pelo terreno, vão sendo “lixadas”, “reduzidas”, “classificadas” e conseqüentemente “contaminadas”, especialmente com óxido de ferro, quartzo, feldspato e matéria orgânica.

Características típicas das argilas de acordo com sua origem geológica

## Argilas primárias

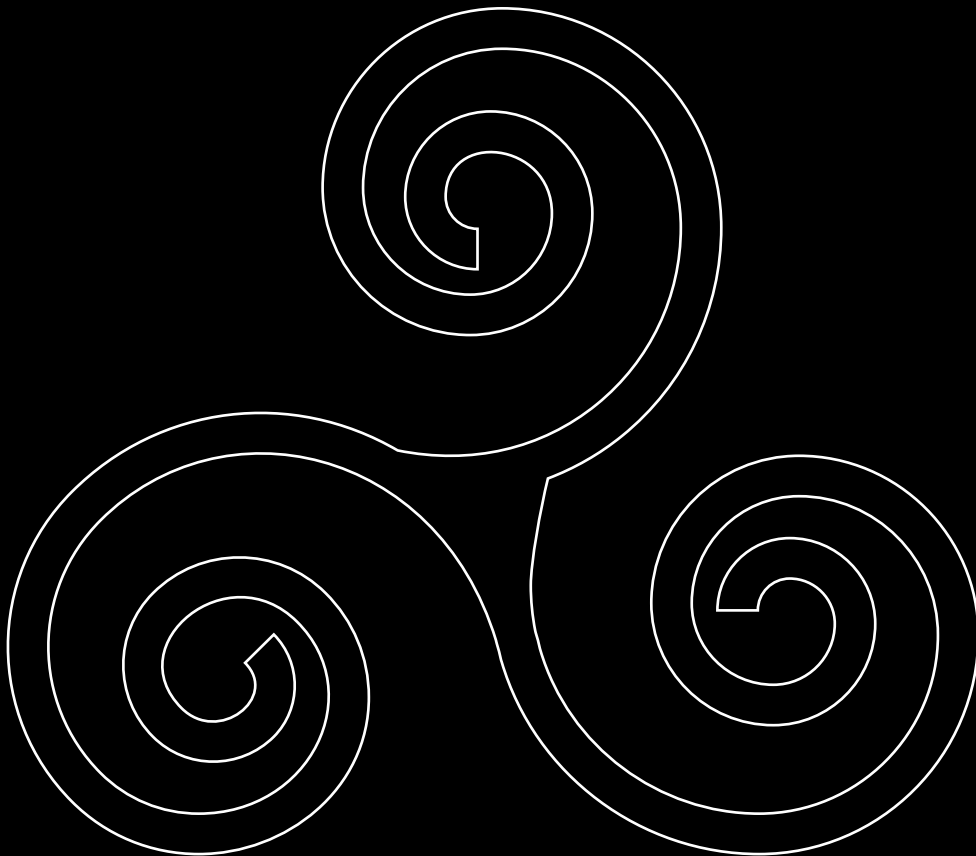
Partículas mais grosseiras  
Menos plasticidade  
Menos encolhimento  
Geralmente branca ou clara  
Mais refratária  
Mais porosa na queima  
Menor diversidade na composição química  
Menor teor de matéria orgânica  
Geralmente usada para reduzir o excesso de plasticidade de argilas muito plásticas

Ex: Porcelana

## Argilas secundárias

Partículas mais finas  
Mais plasticidade  
Mais encolhimento  
Normalmente contaminada por óxido de ferro ou outros  
Menos refratária  
Mais compacta na queima  
Grande diversidade na sua composição química  
Maior teor de matéria orgânica  
Geralmente usada para aumentar a falta de plasticidade de argilas pouco plásticas

Ex.: Argila comum vermelha



## CORPA BARRO

corpa terra  
entre estado argila  
ser em argila.  
ser terra.  
ser barro.  
Ao permanecermos inertes  
Corroboramos na manutenção  
De um falus quo  
O não movimento  
Reduz nossa plasticidade  
Reduz a diversidade na  
composição química  
do que somos  
Reduz a amplitude de possibilidades  
em existência  
Reduzindo os limites do possível  
Sendo assim a redução da  
própria realidade  
Aumenta-se o valor de posse  
em nome da pureza  
Brancura  
aquilo que não pode ser tocado  
aquele que não se move  
não se permite abalar  
Excluir para construir  
Excluir para reservar  
gerando assim valor sobre aquele  
que não se move  
em detrimento do movimento

movimento enquanto  
processo de contaminação  
contaminação pela diversidade  
na composição  
de nós  
aumento da matéria orgânica  
corpos elásticos  
em maleabilidade plástica  
capazes de adaptação  
expansão  
de fronteiras  
sobre o possível

## CARAPAÇA

carapaças enquanto peles  
peles que escolhemos  
vestir em carapaça  
carapaça enquanto pele  
construção à partir  
da subjetividade de cada  
indivíduo  
em relação  
roupa carapaça  
a relação do outro nos constrói  
vestir-se é um ato social  
comunicação  
transvestir-me  
a roupa é a pele que escolhemos  
ao conectar a roupa com nossas  
genitálias estamos matando a experiência  
humana de transfigurar-se  
estamos agredindo a possibilidade  
de realizarmos nossas projeções  
enquanto carne  
projeções do que somos  
do que queremos ser  
confinando a transitoriedade  
que inunda a existência  
restringindo a empatia  
determinando os lugares aos quais  
nosso corpo pertence  
provocando o não pertencimento  
de algumas

corpas  
em seu próprio corpo  
instaurando assim uma ditaura genitálica  
onde o que você possui entre  
as pernas  
define-se  
define-me  
define-nos  
enquanto existência bilateral  
até onde se pode  
quem se é  
ao que pertence  
hackiar nossa carne  
para então transmutar  
construção de carapaças complexas  
capazes de confundir  
o falo centro

**re·fra·tá·ri·o |àt|**

(latim refractarius, -a, -um, rebelde, quízilento) adjetivo

1. [Química] Que resiste a certas influências físicas e químicas e, especialmente, que só funde a uma temperatura muito elevada.
4. Que não é afetado por uma .ação ou estímulo. = INDIFERENTE, RESISTENTE ≠ IMPRESSIONÁVEL

(REFRATÁRIO...,1998)



“senti então a necessidade imensa de misturar-me com o meu material de trabalho. Sentir o barro em meu corpo, fazer parte dele, estar dentro dele’

Trecho escrito por Celeida Tostes acerca do seu processo de criação no Memorial de Concurso para Titular de Cerâmica RJ. Departamento de Desenho Industrial da EBA.CLA.UFRJ. Comprovantes do Curriculum Vitae n.3, Rio de Janeiro, 1993.”

TOSTES (1979 apud COSTA, 2019, p.2)

“A performance é um lugar privilegiado para o estudo dos fenômenos corporais, uma vez que o corpo tem um papel essencial nesse processo. O corpo processual – corpo que excede a materialidade do objeto, está diretamente vinculado a alteridades vivenciadas pelos performers. Tal

como Renato Cohen (1989) coloca, os estudos em performances tornam-se centrais na investigação contemporânea, nos estudos em Antropologia, por exemplo, quando se trata das “investigativas da consciência e da corporeidade humana”

COHEN (1989, p.14 apud COSTA, 2019, p.3)



Rubens Alves da Silva (2005):

De acordo com o ponto de vista de Turner (1987, p. 77), performance é um dos temas principais que marca a diferença entre a perspectiva antropológica da 'virada pós-moderna' das consideradas tradicionalistas, uma vez que pode ser reconhecida como uma noção interdisciplinar que busca evidenciar as coisas que escapam das classificações e dos paradigmas da ordem. Ele considera que as performances podem ser situadas dentro das situações 'ex-

traordinárias', portanto, momentos de interrupção da ordem social. Ao repensar a sua teoria do rito a partir da noção de performance, Turner recorreu à contribuição de diferentes áreas disciplinares, tais como o teatro, a filosofia e a lingüística, particularmente no que diz respeito ao estudo da comunicação não-verbal.

SILVA (2005, p.42 apud COSTA, 2019, p.6)

(...) [e] se tornou impossível separar a noção de 'gênero' das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.

(BUTLER, 2003, p. 20, apud COSTA, 2019, p.11).

“O corpo de Luna, também não é só mulher, como denota Butler (2003), nos estudos em intersecção:

Se alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é (...) o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas

As identidades não-binárias buscam evidenciar que o sexo, da mesma forma que o gênero, não é algo 'natural', é também um constructo social.”

## CONTRATO CONTRASSEXUAL

Eu, \_\_\_\_\_, voluntária e corporalmente, renuncio à minha condição natural de homem [ ] ou de mulher [ ], a todo privilégio social (social, econômico, patrimonial) e a toda obrigação (social, econômica, reprodutiva) derivados de minha condição sexual no âmbito do sistema heterocentrado naturalizado. RECONHEÇO-ME e reconheço os outros como corpos falantes e aceito, de pleno consentimento, não manter relacionamentos sexuais naturalizantes nem estabelecer relações sexuais fora de contratos contrassexuais temporário e consensuais. RECONHEÇO-ME como um produtor de dildos e como transmissor e difusor de dildos sobre meu próprio corpo e sobre qualquer outro corpo que assine este contrato. RENUNCIO de antemão a todos os privilégios e a todas as obrigações que poderiam derivar das posições desiguais de poder geradas pela reutilização e reinserção do dildo. RECONHEÇO-ME como um ânus e como um trabalhador do cú. RENUNCIO a todos meus laços de filiação (maritais ou parentais) que me foram atribuídos pela sociedade etnocentrada, assim como aos privilégios e às obrigações que deles derivam. RENUNCIO a todos os meus direitos de propriedade sobre meus fluxos seminais ou produções de meu útero. Reconheço meu direito de usar minhas células reprodutivas unicamente no âmbito de um contrato livre e consensual, e renuncio a todos os meus direitos de propriedade sobre o corpo falante gerado por tal ato de reprodução.

O presente contrato é válido por \_\_\_ meses (renovável)  
\_\_\_\_\_, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura

TRAVAVI

PULSA

NÃO HÁ

TEMPO

SINTO A SEDE

DA MÃE

QUE A MUITO

NÃO COME

SEDE MINHA

E DAS QUE VIERAM

ANTES DE MINHA

SALIVA

DESLEI

SOBRE MEUS LÁ-

BIOS

CORRE

E LA NÃO TEME

MAIS A SEDE

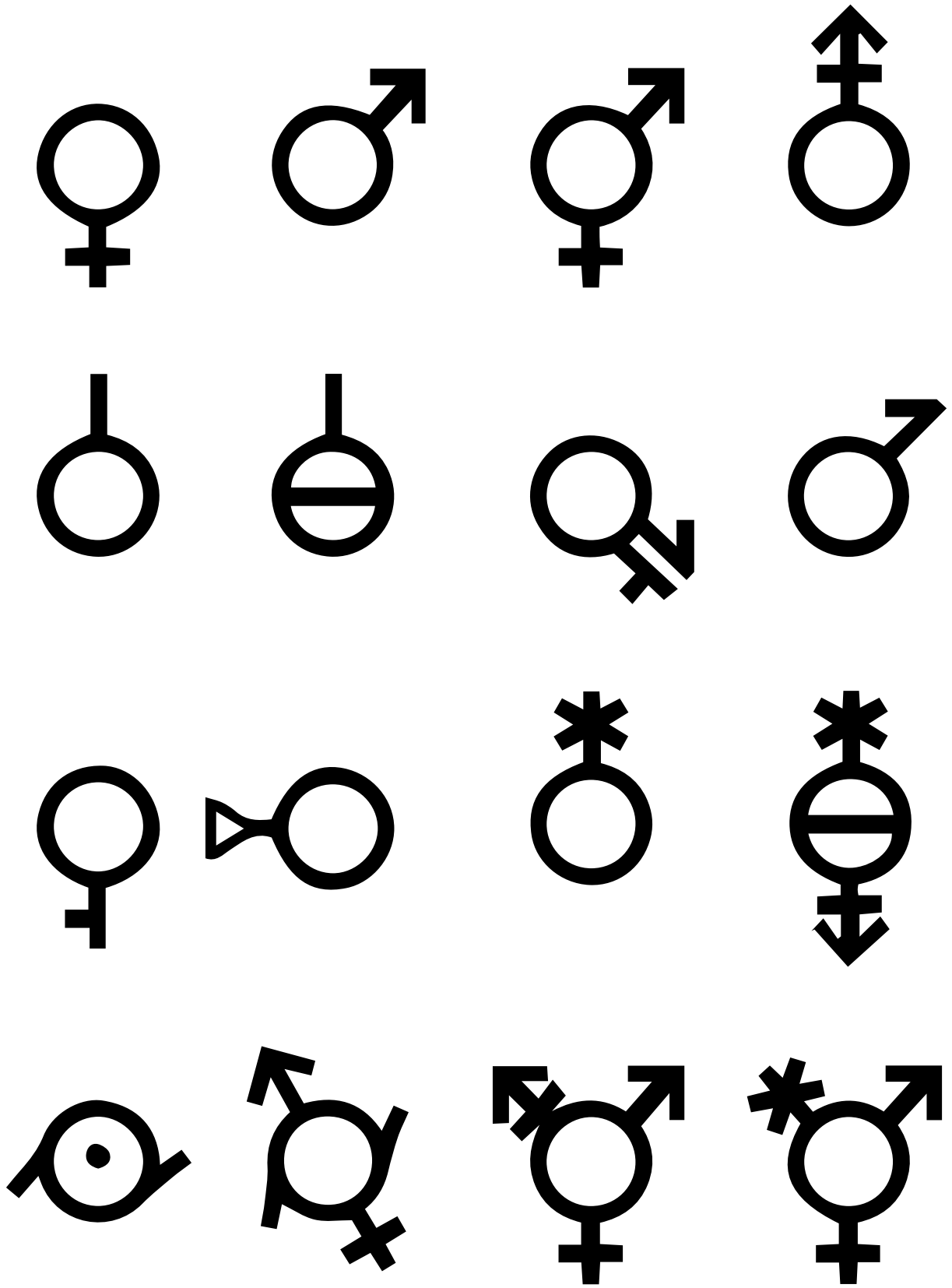
POIS SABE

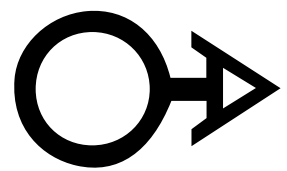
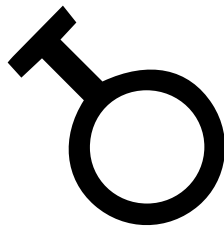
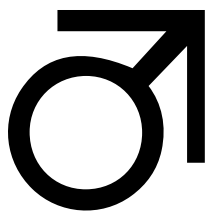
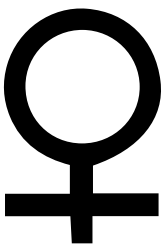
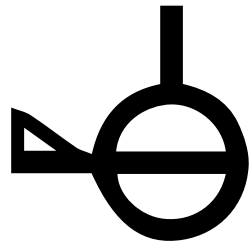
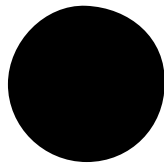
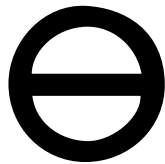
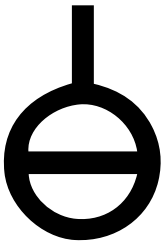
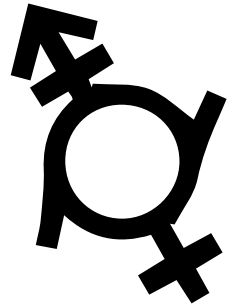
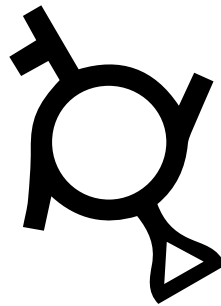
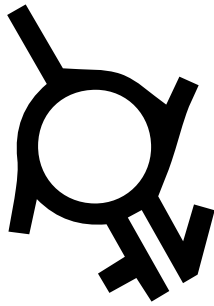
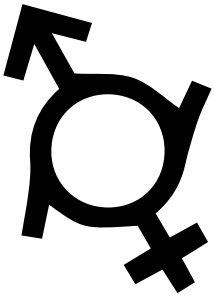
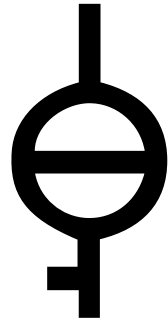
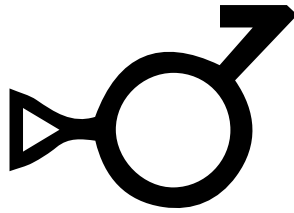
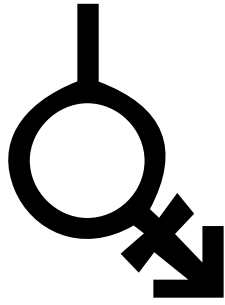
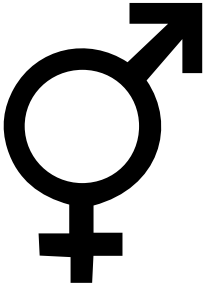
SEU BOMQUE JE

ESTÁ PRÓXIMO

E É FEITO DO

BOM HOMEM









### 3. Considerações Finais

Este projeto fazendo jus a sua origem transitória, transforma-se, reformula-se, dissolve-se para então reascender e tornar-se o que é. “SEDE.ALIMENTO: BRASZILtrans” é expelida pela primeira vez enquanto um estudo que busca, evidencia, propõe até mesmo - de certa forma - ler, traduzir práticas artísticas dissidentes *queer/trans* em Brasil para um ambiente acadêmico. Pesquisando práxis dissonantes em um país em desenvolvimento globalizado *BR* deparo-me com a vasta pluralidade de seres que somos, nossos distintos fazeres, cores de pele, repertórios. Mesmo estando todxs em *terra brasilis* a extensão do território ao qual fomos destinadas ao nascer possui dimensões paquidérmicas. Aqui cabem muitos de vocês, aqui cabem nações inteiras, isso possibilita - mesmo que partindo de um referencial comum Brasil - que sejamos intrigantemente singulares em trans (nordestinas, mineiras, nortistas, sulistas...). Ao fim do primeiro semestre de 2019 a até então minha orientadora Dra. em História, Teoria e Crítica de Arte (PPGAV/UFRGS) Bruna Fetter anuncia sua gravidez e também a não possibilidade óbvia de seguir com suas atividades habituais. Neste momento sou agraciada com a possibilidade de ser orientada pela artista plástica Dra. em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul Elaine Tedesco. Ela logo de início aponta a necessidade de que protagonize meu próprio trabalho, tornando assim minha expressão trans, queer, dissidente a representação prática de minha pesquisa. No início ainda envolta pelo desejo de tradução, de comunicação, de ponte entre o emergente e a academia mantenho a apresentação de um “estudo de caso” em minha pesquisa. Para completar esse ciclo - e também manter minha “sanidade”- sinto não poder mais viver em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, careço estar perto das minhas, daquelas com quem partilho em muitos níveis, tal movimento foi vital para que esse projeto fosse construído da forma que foi.

Passo meu aniversário dia trinta de agosto transportando-me para a cidade onde residirei enquanto permanecer em solo brasileiro São Paulo capital.

Ao completar meu estabelecimento na megalópole recebo a notícia que meu notebook - com todos os meus arquivos - havia sido extraviado. Sou orientada por Elaine a registrar meus processos vivenciais da forma que achar melhor, mas fixar em algum lugar tais sensações. Passo a compilar de forma “mais dura” como um diário, contando meu dia a dia, minhas questões, no computador da minha colega de apartamento. Me identificava quanto à gênero um indivíduo não-binário, sempre militei para que não permitíssemos, que uma

sociedade binária impusesse em nossos corpos um binarismo tão forte a ponto de sentirmos a necessidade de modificarmos, biologicamente nossas estruturas, a partir dos fármacos para nos “ajustarmos”. Contudo ao decorrer do tempo sinto cada vez mais o peso de símbolos vinculados ao masculino, que já não faziam mais sentido habitar minha existência. Penso muito sobre travestilidades e a forma como essa reexistência me atravessa de múltiplas formas. Lembro-me de recordar quando vivia no Sul e travestis de uma forma geral, sejam as que habitam as ruas ou as raras que encontrava na universidade sempre me identificavam com *mana*, parte de algo. Naquela época acreditava que fosse por também ser uma pessoa trans. Posteriormente reconheci tais signos como uma percepção aguçada de pulsões internas que eu ainda não estava conseguindo acessar. Continuo a compilar minhas experiências, mas ainda são uma quantidade irrisória. Decido então apropriar-me de minha travestilidade, o não-binarismo ainda é fundamental, mas preciso eliminar o macho de minha *corpa*. Ainda sobre lógicas falocêntricas de interação marco em minha casa um encontro por um aplicativo de relacionamentos *gay*. Até então uma socialização amplamente praticada por diversos homens, mas eu já não era um à algum tempo, o convidado ao entrar em minha casa se identifica como um “GP”. O *Garoto de Programa* passa a então exigir o devido pagamento pela ida, sinto a falta de meu *smartphone*, está com ele, percebo que estou sofrendo um golpe agressivo e masculino. Estamos discutindo, minha colega de apartamento acorda confusa com todo alarde. A discussão passa para o hall do prédio, quero meu celular de volta, ele passa a tentar me agredir com seu skate, “devolve o meu telefone, não vou deixar você sair!”. Novamente golpes, sinto meu polegar esquerdo doendo, tenho certeza de que foi quebrado, não aguento mais e subo correndo para me trancar em meu apartamento. Ao fechar a porta transbordo em lágrimas, sinto-me invadida, usurpada, quebrada pelo macho peniano, indefesa, impotente, o peso de muitas outras que vieram antes de mim. Ouço o som do skate vindo da rua, sei que ele conseguiu sair do prédio e levou meu celular consigo. Determino aqui que nunca mais cederei ao homem penis, vivencio ali a prevalência da existência dele sobre a minha, sou indicada pela própria zeladora a não fazer uma declaração formal sobre a balbúrdia por mim causada. Silêncio. Agora, sem celular, sem *notebook* e com o dedo quebrado cogito não acabar meu curso, talvez esperar mais um ano para me formar, nada sei. Defino que vou de fato transicionar a partir hormônios femininos e bloqueadores de testosterona, sou travesti, sou também não binária, quero deixar para traz esses símbolos que já não fazem mais sentido. Estabeleço que irei passar por esse processo, converso novamente com Elaine e ela propõe que eu continue, que não desista, que se escrever é o que posso fazer que escreva. Minha orientadora anterior Bruna Fetter após ler meu texto “TRANSPLACE IS

THE PLACE” inspirada na obra de Sun Ra *Space Is the Place* (1974) em tempos agora longínquos incitava “você deveria escrever livros!”. Relembro tudo isso, navego em um mar emoções, de memórias, para enfim decidir que sim continuarei, mas não posso mais prosseguir a partir de sistemáticas duras, sem vida, masculinas. Preciso jorrar tais sensações, que são minhas e também de outras tantas.

Como um turbilhão, passo a escrever dia após dia, pequenas anotações, lembranças, poemas, imagens, definições, aqui não excluo nada, gozam-se fartas palavras em busca de conexões entre *poiesis* e meu *sui generis*. Após algumas trocas com minha orientadora, considero a configuração revista ser mais interessante e potente para meu trabalho. Torna-se latente que essas palavras sejam disseminadas. Juntamente com minha amiga, colega de apartamento e designer Joyce Kiesel elaboramos que suas páginas seriam em preto e branco para facilitar a impressão. Joy fez um trabalho incrível. SEDE.ALIMENTO. BRASZILtrans será impressa em tiragens e podem ser feitas cópias a partir das originais aumentando sua viralidade.

Sobre a performance “CRESCIMENTO III” realizada no dia 26 de dezembro de 2019 na Casa Baka em Porto Alegre: Um momento crucial do projeto, visto que ali coagulo muitas de mim, manifesto a estudante de cerâmica, a escultora, a performer, a artista, a *trava*, muitas de mim em *live*. A importância dos diferentes materiais que usei. A máscara presente na ação, sinto ser necessária e recorrente em meus trabalhos, a cegueira também, o rompimento do olhar, da conexão visual. Associo a uma inversão de poder onde o outro, perde o controle sobre mim. Instaura presentidade, o observador é colocado em uma posição instável, vulnerável. Preciso que sintam na pele a insegurança, preciso que talvez temam, que talvez saiam da sala, não é para ser algo agradável, linear, limpo. E não por um virtuosismo à rebeldia, ao sujo frente ao limpo, não é sobre vocês é sobre nós, experiências viscerais que te colocam em estados de insegurança social, vulnerabilidade, impotência, medo. Estruturas que oprimem a expressão em muitos níveis por não ajustar-se, impedindo que você navegue pelo mercado de trabalho, pela rua, que possa alugar um apartamento, que possa frequentar um restaurante. Enclausurando todx aquelx que não pertencem à um binarismo de gênero, lembre-se, estou falando de expressão de gênero. A presença da artista sonora Nara Vaez, descendente de indígenas, durante toda à performance foi imprescindível, primordial, poder vestir ela com peças da UNUSUAL (marca pessoal de roupas) também. Tivemos uma certa dificuldade para finalizar a apresentação pela falta de definição de um final pré-determinado, provavelmente por eu não querer impor uma estrutura fechada, mas é importante aprender a estabelecer certos limites. Durante todo o processo priorizei a escolha de mulheres, para

fazerem parte da banca, posteriormente na identidade visual do projeto e performance. À todas as *travas*, que cada vez mais ocupemos, invadamos, conquistemos espaços, *é tudo nosso*.

## Bibliografia

AUGÉ, Marc. Não Lugares. São Paulo: Papirus, 1994.

BENEVIDES. Bruna. "FALAR DA MORTE PARA GERAR VIDA". 2019. Disponível em: <<https://antrabrazil.org/noticias/>>. Acesso em: 30 de dez. 2019.

CARRERA. ISABELA. As 52 opções de identidade sexual no Facebook. ÉPOCA. 2014. <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/03/52-opcoes-de-bidentidade-sexual-no-facebookb.html>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

COSTA. Pâmela. "Se eu penso performance eu vou pensar meu corpo": um estudo etnográfico do corpo em performances artísticas. XXXIII Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais (ENECS), Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa. 1-15. 18 out. 2019.

CUNHA. Thaís. "Transexuais no Brasil: Uma luta por identidade". Disponível em <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/luta-por-identidade>>. Acesso em: 30 dez. 2019.

DEPARTAMENTO DE PINTURA FLAMENCA Y ESCUELAS DEL NORTE DEL MUSEO NACIONAL DEL PRADO. *Las tres Gracias*. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2QJYDWA>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

ESTADO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dIDLPO>>. Acesso em: 31 dez. 2019.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. Escritos de Artistas Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2006.

FRAGA, Fernanda. "Assassinatos de travestis e transexuais é o maior em dez anos no Brasil". 2017. <<https://agencia-brasil.jusbrasil.com.br/noticias/538649072/assassinatos-de-travestis-e-transexuais-e-o-maior-em-dez-anos-no-brasil>>. Acesso em 30 dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. "Outros Espaços". São Paulo: Forense Universitária, 2009.

GÊNESE. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dIDLPO>>. Acesso em: 31 dez 2019.

GOOGLE. Assassinatos de Travestis. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2FnwPSy>. Acesso em 04 jan 2020.

GRAGNANI, Juliana. ROSSI, Amanda. "A luta esquecida dos negros pelo fim da escravidão no Brasil". 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/lutapelaabolicao>>. Acesso em: 20 out. 2019.

IRISH AMERICA. Winter Solstice in Newgrange. 2015. Disponível em: <https://irishamerica.com/2015/01/winter-solstice-in-newgrange/>>. Acesso em 20 dez. 2019.

ISSA, Tatiana et. al. Dzi Croquettes Documentário 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OGrIMj-4UWc>>. Acesso em 05 de junho 2019.

MARTINS, Helena. "Número de assassinatos de travestis e transexuais é o maior em 10 anos no Brasil". 2018. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-01/assassinatos-de-travestis-e-transexuais-e-o-maior-em-dez-anos-no-brasil>>. Acesso em 15 nov. 2019.

MORAIS, Pedro. "O corpo de Jota Mombaça é um manifesto". 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/07/15/culturaipilon/noticia/pode-um-cu-mestico-falar-1836567>>. Acesso em: 20 out. 2019.

OITICICA, Hélio. "Brasil Diarréia". 1970. Arte em Revista, São Paulo, Kairós/CEAC, ano 3, n. 5, maio 1981.

ORLAN. The Future of the Body with Performance Artist ORLAN. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EoX00dhVIEg>>. Acesso em: 5 de jun. 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. Manifesto Contrassexual. São Paulo: Helsinki, 2014.

QUINTINO, Claudio. "A Religião da Grande Deusa: Raízes Históricas e Sementes Filosóficas". São Paulo: Editora Gaia, 2000.

SI MESMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Si\\_mesmo&oldid=56526003](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Si_mesmo&oldid=56526003)>. Acesso em: 21 out. 2019.

SIBILA, Paula. Show do Eu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

TRANS. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998.  
Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlDLPO>>. Acesso em: 31 dez 2019.

MARQUEZ, Annunaki. All the Gender Symbols. 2017. Disponível em:  
<<https://anunnakiray.com/all-the-gender-symbols/>>. Acesso em 25 dez. 2019.